

mojo
BOOKS

RECONTADO POR **RAFAEL CASTRO**

ok computer

radiohead

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Radiohead
OK COMPUTER

recontado por

RAFAEL CASTRO

JUNHO DE 2008
VOLUME 66

MOJO
BOOKS

radiohead
OK COMPUTER

recontado por

RAFAEL CASTRO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **BASE-V**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Airbag
2. Paranoid android
3. Subterranean homesick alien
4. Exit music (for a film)
5. Let down
6. Karma police
7. Fitter happier
8. Electioneering
9. Climbing up the walls
10. No surprises
11. Lucky
12. The tourist

RADIOHEAD OK COMPUTER

LANÇAMENTO: **1997**
SELO: **PARLOPHONE RECORDS**



OK COMPUTER

I.

Minha primeira lembrança daqueles dias vem da fila de atendimento da loja de música. Faltavam umas cinco pessoas, quando uma figura familiar se aproximou. É sempre bom encontrar pessoas conhecidas quando se está sozinho, pelo menos essa é a opinião da maioria das pessoas, acho. Comigo funciona um pouco diferente, não sei se pela minha timidez ou pelo simples fato de querer estar sozinho. Sei que Sarah apertou meu braço, falou meu nome em alto e bom som e, ao abraçá-la, senti seu *piercing* — o da orelha esquerda — roçar no meu rosto feito gota gelada de metal.

Ela estava linda e jovial como sempre, exalando um forte perfume, as tranças pendendo de um lado e a pele morena jambo contrastando com a blusinha *pink*. Segurava numa das mãos um treco eletrônico esquisito, parecido com um canivete suíço, e que estava começando a ficar bem popular. Eu só viria a ter um dez meses depois, o tocador de música digital. Ela olha pra minha mão, vê que seguro um CD de uma banda de *rock* e fala algo que nunca esqueci.

— Por que você tá levando esse disco? Eu posso gravá-lo pra você. É besteira gastar essa grana toda nele!

Engraçado ela falar assim, tão moderninha e ao mesmo tempo se referir

ao CD como disco! Disco pra mim é uma terminologia advinda dos bolachões de vinil do tempo do meu pai — que ele ainda guarda no porão de casa, e que fui ter contato na década de 80. Mas o fato é que fiquei sem palavras, me sentindo ridículo. Olhei pra fila e só vi adolescentes comprando o tal dos tocadores, e a sessão de CDs da loja praticamente vazia.

Ofereci a minha vez na fila. Assim, de costas pra mim, Sarah podia se exibir ainda mais. Para meu deleite, havia uma grande borboleta tatuada acima do seu belo traseiro. Em seguida voltei pra casa, ouvi duas vezes seguidas o novo CD e adormeci. Curiosamente, a primeira impressão não foi das melhores, não curti muito do que ouvi.

II.

Acordei no meio da noite todo suado. Seria comum, se não fosse o detalhe do pesadelo repetido. Não me recordo se foi a terceira ou quarta vez que sonhava com aquele cenário: cidade grande, com extensos clarões de civilização cercados de ruas escuras e habitadas por sem-tetos e ratos, e eu caminhando sozinho, à procura de algo, até encontrar um balcão sujo pra comer sushi ou, como da outra vez, entrar numa boate com dançarinas magérrimas. Mas naquela noite foi diferente: tinha um robô andróide numa das esquinas por onde andei. Ao seu lado, mendigos com latrinas na mão e um tambor de lixo como lareira pra aquecer a noite. O robô tinha uma aparência velha, enferrujada, como se estivesse inutilizado para o motivo pelo qual fora construído. Em sua face metálica, faltava a mandíbula inferior, talvez arrancada por outro robô ou por algum negociante de peças. O mais assustador, no entanto, foi que ele rogou esmola pra mim, chamando-me pelo nome como se fôssemos velhos conhecidos.

III.

O texto da minha dissertação de Mestrado tinha de ser finalizado em duas semanas. Mas eu estava sem cabeça. Minha namorada estava cada vez mais ausente e minha mãe, Dona Matilde, faria uma cirurgia para retirar enormes cistos do ovário, que poderiam — ou não — ser malignos.

“Oitenta por cento de chance de ser benigno” dizia o médico. Mas ela não parava de chorar. Um dia, entramos no carro e coloquei o CD que comprei no *player*. Aqueles ruídos esquisitos começaram a ressoar.

— Isso é música? — ela indagou para minha surpresa, com um desprezo cortante.

— Você ainda vai gostar mamãe. De tanto ouvir.

Seguiu-se um resmungo e eu resolvi trocar do CD pro rádio. Um pastor clamava pela salvação de todos os pecadores. Na outra estação, tocava forró. Na terceira, o Juventus derrotava o América pelo Estadual. Tentei novamente e parei na que tocava músicas mais alegres e comuns aos ouvidos dela. Fiquei sentindo falta daquelas guitarras melódicas e do vocal lamentoso. Quando finalmente chegamos em casa, ela já estava mais tranqüila. Jantamos todos juntos; eu, minha irmã Carol e minha mãe. Depois fui para o meu quarto, para curtir meu CD tranquilamente. Adormeci ouvindo-o, o que já estava virando rotina.

IV.

Hoje seria minha última cartada, o dia decisivo pra tentar reconquistar o velho amor. Liliana andava muito distante nas últimas semanas. Ela disse o mesmo de mim, mas tenho certeza que estou bem com ela. Mas ela, sei não! Anda com umas conversas sobre como está cansada, querendo sair do seu mundinho e expandir seus conhecimentos, ampliar sua visão do mundo com uma nova perspectiva. E eu não estaria nesse novo mundo dela, imagino.

Entendam, pra mim tanto faz ficar sozinho ou não. Mas o que custava eu tentar manter o nosso relacionamento? Se não conseguisse, paciência. Então a levei pro alto da cidade, num campo aberto, aonde alguns casais iam à noite pra namorar e divagar sobre seus relacionamentos. Estava no carro do meu pai, que tinha teto retrátil, pra usufruir o clima romântico da noite e ver as estrelas, apesar da massa cinza e espessa no céu, de fumaça e fuligem.

Ela estava particularmente mais acessível naquela noite, e nosso papo fluiu bem. Conversamos sobre a vida profissional e pessoal, e eu, sempre tão distraído e desinteressado em relação a questões amorosas, sentia interesse incomum na conversa. Falei que ela devia insistir na faculdade, que isso era

o mais importante pro seu futuro, evitando menosprezar o seu emprego de garçõnete. E ela toda preocupada com o prazo de entrega da minha tese, que eu tinha que me dedicar mais e coisa e tal.

Coloquei o CD novo e disse pra ela tentar viajar na música. Ela sorriu e disse que estava gostando. Em segundos, nos beijávamos intensamente. Em minutos, estávamos sem roupa, vendo as poucas estrelas do céu através do teto do carro. Ao final, ela encostou a cabeça no meu colo e fiquei alisando aqueles cachos avermelhados com um sentimento de paz que senti poucas vezes em minha vida urbana ordinária.

Olhei pro seu corpo adormecido sobre o meu e pensei como eu a amava e a odiava ao mesmo tempo. Essa contradição chegava a me enjoar. Comecei a viver o clima angustiante daquele ano de 1999. Faltava um mês pro simbólico ano 2000, e só falavam do tal do *bug* do milênio, enquanto o mundo caía em miséria e egoísmo entre as pessoas.

Acordei Liliana subitamente — queria ir pra casa jogar xadrez com meu insone vizinho, como de costume. Antes que ela ficasse furiosa, menti dizendo que ela estava em mais uma crise forte de bruxismo, rangendo os dentes como uma fera. Ela fez uma careta torta de sono, se vestiu e fomos embora.

V.

Pouco antes do Natal, minha mãe fez a cirurgia. Era um dia chuvoso e tinha cara de domingo, apesar de ser segunda. Levei um livro pra ler enquanto esperava.

Infelizmente, a cirurgia não foi rápida, pois o médico teve que retirar, além dos cistos, amostras de tecido do útero para averiguar a possibilidade de câncer. Tive de autorizar a equipe médica a seguir com o material colhido da minha mãe dentro de um pote para a biopsia. O resultado sobre o estado dos tecidos só sairia em quinze dias. Ainda íamos passar o Natal e o Ano Novo na dúvida de serem malignos ou não.

Tive uma lembrança súbita. Doces de banana mergulhados em calda da fazenda do meu tio no interior. Eles eram guardados em potes que lembravam o que carregou restos da minha mãe. Não pude passar sem essa analogia cretina.

Um detalhe antes da operação me intrigou: no caminho pra sala de cirurgia, minha mãe, sob forte efeito dos sedativos, falou com uma voz sufocada e destoante, algo que eu não precisava ouvir naquele instante:

— Não me deixa ir...não confio neles.

Pela primeira vez desde que ficamos sabendo dos cistos, avistei a pos-

sibilidade de sua morte, e isso doeu. Ela, a Morte, estava rondando aquela sala, pude sentir. Fiz força pra afastar sentimentos negativos, apertei forte sua mão e falei que ela estava enganada e iria acabar tudo bem. No dia seguinte mencionei esse curto diálogo e ela alegou, surpresa, que não se lembrava.

VI.

Passei o Natal com alguns familiares e amigos na casa de minha tia Carmélia. Minha mãe caminhava vagarosa com os curativos da recente cirurgia e meu pai andava na pancada com a atual mulher, vinte anos mais nova. Estava caindo na cachaça outra vez, pude perceber quando ele ligou no dia vinte e quatro com a voz afoita e ao fundo “As curvas da estrada de Santos”, na voz do Rei.

Eu não estava bem naquela noite, aliás, há meses não lembrava de me sentir plenamente bem, a não ser em alguns momentos isolados, como na última vez que saí com a Liliana. Por falar nisso, ela me ligou desejando boas festas e comentou que desejava fazer uma viagem de carro pra alguma praia passar a virada do ano. Mostro um forçado interesse pela proposta, desligo o celular e ligo pra Sarah, que já estava na balada — essa não curtia passar o Natal com a família. Ela pergunta da minha compra, se estou curtindo o novo som. Nesse instante, a lembrança daquele CD me traz um súbito bem-estar e digo que ela deveria ouvi-lo comigo. Ela logo concordou e, de imediato, algo remexeu dentro da minha calça de brim bege. Não chegamos a combinar nada concreto, mas só a possibilidade já me deixou ansioso.

Aquele fim de ano estava uma correria, cheio de dúvidas e desafios.

Ainda tinha de encarar a maratona da noite de Natal, onde as pessoas saíam de casa com suas roupas mais caras, distribuindo sorrisos e apertos de mão mecânicos.

Três horas e pouco da manhã estou aliviado por estar em casa, deitado com a cueca furada em minha cama suja, porém aconchegante. Começo a imaginar que poderia ser agradável viajar e curtir a passagem de ano com Líliliana na praia, como ela sugeriu.

VII.

Tenho que entregar a versão final da tese amanhã, ou melhor, mais tarde, daqui umas cinco horas. O sono aperta sem piedade. Sou arquiteto e utilizo um software pra analisar a eficiência — ou a falta dela —, de alguns itens de segurança em carros, como barreiras laterais nas portas, cintos de segurança e *air bag*. Cá entre nós, trabalhei os resultados para encaixar à Conclusão, uma crítica contra essas parafernálias. Acho que segurança é responsabilidade das pessoas, e não das máquinas. No tempo do fusquinha 79 do meu pai, que não passava de 80 por hora, tudo isto era desnecessário.

Essa noite foi movida a estimulantes que comprei na farmácia e bastante café. Mas não tinha jeito, paquerei com o sofá e cochilei profundamente, o suficiente para sonhar com a cidade futurística dos meus sonhos. Desta vez, em meio a uma confusão onde se via chamas e fumaça, máquinas inteligentes com enormes braços mecânicos trabalhavam empenhadas em desgarrar corpos do que parecia ser um acidente de automóveis. Eu sabia que minha namorada não pertencia àquele mundo, mas tinha um sentimento que o corpo dela estava lá, sangrando em aço. Corri na expectativa de encontrar Liliane, mas o robô sem mandíbula agarrou-me pelo braço. Comecei a gritar e sua mão só apertava mais. Acordei num solavanco com

o braço completamente dormente. Tinha adormecido sobre ele.

Depois do susto, tomei uma ducha para continuar a jornada madrugada adentro. Bambeeí diante da tela do computador e caí de cara no teclado, deixando entornar a caneca de café sobre ele. A coisa foi feia, o teclado não queria mais funcionar. Tive de ir à casa de um amigo, em plena madrugada, pedir emprestado outro.

Prossegui forte e vi o sol surgir pela persiana. Chegada a hora da impressão, tive aquela sensação comum de que algo de errado aconteceria...e ocorreu: minha impressora não funcionou! Decepcionado com a confirmação da minha suspeita, esperei a abertura da loja de informática da esquina às oito e quinze da manhã. Depois de pagar a impressão das cento e vinte páginas, segui correndo para a Faculdade.

VIII.

— Vamos descer pra praia esse fim de semana? — perguntei baixinho no ouvido da minha ruiva de cachos, em plena lanchonete.

Ela deixou de lado a bandeja que segurava e me abraçou forte com um sorriso radiante. Horas mais tarde, na minha casa, nos divertimos arrumando minha mochila. Era cueca pra um lado, meias pro outro, preservativos, gibis de super-heróis, remédio pra dores de cabeça e de barriga, além de uma série de CDs pra curtir no carro, incluindo a minha última compra: o modesto presente de Natal que dediquei a mim.

— Cabeça de rádio? É isso que quer dizer? — perguntou ela entusiasmada. Balancei a cabeça positivamente. Ela continuou, segura do que dizia:

— Viu como estou indo às aulas do cursinho?

Concordei com um sorriso amarelo, lembrando que a mensalidade de dezembro do curso de inglês — que eu dava um jeito de pagar — havia vencido há dias. Mas fiquei em silêncio.

Dona Matilde estava próxima, percebi com o barulho vindo da cozinha. Resolvi apressar as coisas, arrumei rapidamente a bagunça que fizemos e me despedi de minha mãe com um beijo seco em sua testa, desejando-lhe um feliz ano novo.

— Fala com a Carol, mãe. Eu ligo pra vocês duas no dia trinta e um — falei.

Carol e minha mãe não iam com a cara de Liliana, acho que era preconceito por causa do trabalho dela, apesar de nunca admitirem isso. Toda mãe quer que o filho case com uma mulher de destaque, formada, com um bom emprego, e de preferência que goste da sogra, já que, provavelmente, irá ajudar a cuidar dela um dia. Mas Liliana não era assim. Ela não tinha grandes ambições futuras, a não ser de casar e ter filhos com cachinhos iguais aos dela.

IX.

Não vou contar detalhes do ocorrido horas depois da minha saída de casa, na antevéspera da festa de *reveillon*. Na verdade, não quero me lembrar, ainda não estou plenamente recuperado do acidente que sofri na estrada. Mas posso adiantar que já era noite e a última coisa que lembro foi do berro de horror de Liliana. O resto é mera lembrança: muitas vezes e uma vaga sensação de estar sendo carregado por pessoas e depois seguir num carro com sirene. Estavam preocupados com minha vida. Dias depois do acidente, o maior alívio que senti foi o de saber que Liliana deixou o hospital.

O mais surreal foi ver os fogos de artifício pela janela do quarto. Pra quem almejava estar na praia com a namorada, envolto por casais vestidos de branco, bebendo champanhe direto da garrafa, aquele não era o local mais apropriado para se estar. Minha mãe, ainda recuperando-se da cirurgia, acompanhou-me na passagem do ano. Sentou-se na cama dura e ficou alisando minha testa. Comecei a chorar e ela me abraçou. Estava mais frágil que casca de ovo.

Um dia uma psicóloga me visitou. Conversamos sobre minha recuperação mental e física. Ela contou detalhes do acidente e conversamos sobre os

próximos passos fora do hospital. Terei que andar de muletas e fazer fisioterapia, afinal pinos de aço foram instalados em minha perna esquerda.

A psicóloga voltou a me visitar depois que eu comentei sobre pular da janela do hospital se minha mãe morresse. O resultado da sua biopsia tinha saído na semana anterior. Foi confirmado câncer no colo do útero, o que irá obrigá-la a fazer nova cirurgia para remover o útero. Eu queria esganar o médico que fez a primeira cirurgia. Ele havia afirmado que tudo sairia bem. Eu culpava tudo e a todos pela minha situação, até mesmo Deus eu xingava, mesmo sem acreditar na sua existência.

Para piorar, ouvi dizer que Liliana teve um desmaio repentino. Uma tomografia computadorizada acusou um coágulo em seu cérebro, que poderia ser ou não resultado da colisão. Eu não tinha dúvidas que foi consequência do acidente, e que fora, portanto, minha culpa.

Fiz uma retrospectiva dos meus sonhos futurísticos e cheguei à conclusão que tive visões do acidente que aconteceu. Nesses sonhos, Liliana se contorcia em ferragens. Mas tudo poderia não passar de um *déjà vu*, ou algo construído pela minha mente: naqueles dias do hospital em que a realidade e a inconsciência eram separadas por uma linha tênue, eu conseguia ir mais fundo em meu subconsciente, como se passasse por um período de meditação física e espiritual intensa.

X.

Eu estava no quarto do hospital sendo atendido por um robô que apalpava minhas pernas com uma habilidade incrível. Ele iniciou a sessão de fisioterapia movimentando meus braços e pernas de maneira circular e lenta. Eu não sentia dor, mas sabia que não era mérito algum, pois estava completamente sedado, e talvez até sonhando com cores de realidade.

O robô que me prestava assistência derramou um produto pastoso em suas mãos e massageou a gororoba sobre minhas pernas. O contato gelado resultou em um arrepio — uma leve sensação, já que nem sentia meu corpo por inteiro.

Da sua boca — na verdade uma fenda emitindo uma luz verde, saiu uma voz metálica que ecoou pelo quarto e que parabenizava o meu empenho nas sessões de fisioterapia. Disse que se continuasse assim, em breve eu sairia do hospital. “Sua mãe ficará orgulhosa”, completou a coisa.

XI.

Não foi a cabeça lustrosa sem cabelos que minha mãe exibia que mais me assustou quando a vi, mas sim seus olhos negros e sem vida, circundados por enormes olheiras. Ela estava mais magra, sem dúvida o câncer estava dando trabalho. Apenas nessas horas em que temos a possibilidade de perda é que damos valor às coisas e as pessoas próximas da gente.

— Mãe, como você está, não minta pra mim!

— Mais ou menos filho. Andei fazendo umas sessões de quimioterapia.

— Você vai morrer mãe? — perguntei, e percebi o espanto nos seus olhos com a pergunta tão direta.

— Um dia todos morreremos, filho. É tudo que tenho a dizer. — completei com uma postura firme que poucas pessoas poderiam apresentar num momento daqueles.

— Alguém quer lhe ver, filho — disse ela, e nesse instante a porta se abriu e um cheiro familiar invadiu o quarto.

Sarah entrou com passos longos em minha direção e seu cheiro invadiu minhas narinas e atingiu o cérebro, agindo como uma droga rejuvenescedora. Minha mãe nos deixou a sós.

A conversa foi longa. Comentei com ela sobre as visitas recorrentes dos

andróides e daquele cenário futurista e sombrio que me perseguiram nos últimos meses. Eu tinha esperança que ela falasse que sonhava com eles também, ou mesmo que eles existiam em algum lugar, ou até que falasse os seus nomes para mim. Mas não foi surpresa quando ela deu um sorriso e disse serenamente:

— São apenas sonhos, querido! Sonhos, às vezes, não nos dizem nada. Eu mesma já sonhei que nos encontrávamos em uma loja de discos do *shopping*, e que você estava comprando justamente aquele CD ali — nesse momento ela apontou para o CD repousado na mesinha ao lado da cama.

Eu ainda pensei em abrir uma discussão com ela sobre aquele encontro no *shopping*, que para mim foi mais real do que uma enxaqueca num dia de ressaca, mas resolvi ficar calado. Talvez ela quisesse me confundir mais dizendo que aquilo não aconteceu e que imaginei tudo — assim como os robôs. Enfim, eu não tinha forças para um debate mais profundo para saber quem estava enganando a quem e por que.

Aquela garota me visitou mais algumas vezes e trouxe alguma luz àquela época repleta de desgraças. Liliana se afastara de mim, e Sarah surgia à espreita. Na sua segunda ou terceira visita, já nos beijávamos na cama do hospital. A borboleta tatuada acima do bumbum parecia querer voar através da janela.

XII.

O dia da minha alta estava chegando e eu já previa que, por mais estranho que parecesse, sentiria falta daqueles momentos. De coisas simples, como da amizade com as enfermeiras, das visitas da Sarah, do aparelho de som tocando músicas, e, principalmente, do alívio de estar vivo. Vivo sim, mas com um medo incontido do futuro que me aguardava.

Além da fisioterapia e dos cuidados com os ferimentos, terei de tomar remédios de tarja preta. Disseram que eu sofria de esquizofrenia. Não vou cair aqui no clichê de afirmar convictamente que todos estão errados e que eu não seja louco. Podem dizer tudo, mas no que diz respeito aos meus sonhos, não admito serem simples frutos da doença que dizem que eu sofro. Como explicar as conexões com a realidade?

— Mãe, põe o som pra mim! — falei para uma Dona Matilde mais sadia e animada, em meu último dia de Hospital.

Ouvi o CD que tanto me acompanhou naqueles últimos dias de 1999 e que seguiria comigo pelo novo milênio. Enquanto a primeira faixa rodava, um pequeno e crucial detalhe do acidente me veio à mente e um fino e incômodo arrepio percorreu meu corpo.

Se não fosse o sistema de segurança do carro — que eu tanto critiquei

em minha tese, teria sido arremessado do carro e o desfecho da história poderia ter sido outro. Eu só saí vivo do acidente por causa de um sistema de segurança do carro, ativado no momento da colisão. Mas será que valeu a pena? A tecnologia salvou minha vida, porém não foi capaz de deixá-la melhor.

Teria que viver com mais esta contradição: um *air bag* salvou minha vida.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br